

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



UM FESTIVAL DE TEATRO UNIVERSITÁRIO EM VERONA

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra deslocou-se, neste verão, à Itália, para participar na X Delfiada que se realizou no Teatro Romano de Verona, do dia 20 ao dia 30 de Agosto.

Neste festival de teatro, estiveram presentes, além do referido agrupamento português, estudantes franceses, ingleses, alemães, checos, jugoslavos, israelitas e — como era natural—italianos.

O T.E.U.C. representou o «Breve Sumário da Historia de Deus» de Gil Vicente. A abrir o festival, o Grupo Folclórico da Universidade de Jerusalém fez ouvir cantares da sua terra e executou, com graciosidade, danças populares. Da Checoslováquia estiveram presentes dois grupos: — a Companhia Maringotka de Praga levou à cena urna velha saga alemã, «Bosorka», e ainda o «Baco Mendicante», peça que assenta numa tradição carnavalesca da Boémia; — a Faculdade de Teatro da Academia de Arte de Bratislava deliciou os espectadores com a magnífica representação da «Comédia do Homem Rico e do Pobre Lázaro». «Hvarkinja», comédia do século xvi, foi representada pelos estudantes jugoslavos.

Atenta a natureza da presente revista, interessa referirmo-nos, em especial, às representações de peças de autores da Antiguidade Clássica.

No dia 28 de Agosto, teve lugar a representação da «Electra» de Sófocles pelo Grupo Delfico de Mogúncia. Lembrados ainda do espectáculo que o Piraikon Theatron deu, em Portugal, com a excepcional Aspasia Papatthanassiou, no papel de Electra, não nos foi possível apreciar a representação do grupo germânico com olhos absolutamente isentos. Talvez por isso, o espectáculo nos tenha parecido de qualidade inferior, se bem que tivesse recebido bastantes aplausos da maioria dos espectadores.

Uma vez que os encenadores actuais de peças gregas optam pela solução moderna de entregar os papéis femininos a mulheres, não as abolindo da cena, à maneira helénica, não compreendemos por que razão o coro da «Electra» era formado por rapazes e raparigas.

A jovem que desempenhou o papel de Electra não soube dar-lhe toda a energia e decisão que o caracteriza, parecendo-nos, por vezes, demasiado branda. Gostaríamos, além disso, de ter visto uma Electra mais plangente e dolorida, na comovente cena em que abraça as supostas cinzas do irmão querido. De resto, nenhum dos actores nos pareceu

à altura do seu papel. Desagradou-nos, sobremaneira, a cena em que Egisto (figura que, aliás, se apresentou sem qualquer vigor dramático), estupefacto, verifica que o cadáver que tem a seus pés é o da sua amada e não o de Orestes, como, dolosamente, lhe tinha sido dito.

O Teatro Antigo da Sorbona apresentou, no dia 27 de Agosto, o «Agamémnon». Apreciámos bastante a resolução de certos problemas



cénicos, como, por exemplo, o facto de o guarda que espera o sinal de fogo que lhe indicará a tomada de Tróia ter recitado o prólogo do cimo de um dos muros do próprio Teatro Romano, dada a ausência de cenário.

Clitèmnestra fez acompanhar, admiravelmente, a sua exaltada descrição dos sucessivos saltos do fogo anunciador da vitória, de passos rápidos e quase em «staccato».

Agradaram-nos muito os movimentos do coro, embora não tenhamos gostado da monotonia com que cantou, durante quase toda a representação.

Salientamos a figura de Cassandra que, em delírio profético, entoou, com voz pungente, as lamentações sobre Agamémnon e sobre si própria — o que, em Esquilo, corresponde a versos líricos —, tendo recitado os versos não líricos.

Agamémnon superou as dificuldades de limitação de espaço que lhe impunha o facto de ter de dizer quase todo o seu papel, imóvel, num carro de combate.

Os trajos, embora pouco rigorosos, eram de grande beleza e produziam excelente efeito.

O espectáculo que mais agradou foi, sem dúvida, o «Filoctetes» de Sófocles pelos Actores Délficos de Londres que Prof. David Raeburn costuma recrutar entre os seus alunos.

O papel de Filoctetes foi magnificamente desempenhado por Roger Williams que imprimiu uma extraordinária força dramática à sua representação tendo conseguido, ser verdadeiramente «simpatético».

Com a sua límpida dicção e melodiosa entoação, os estudantes ingleses realçaram toda a beleza lírica do poema de Sófocles.

Ian Enters soube encarnar a figura de Neoptolemo, em toda a sua dignidade e rectidão de carácter.

A entrada em cena de Neoptolemo e de Ulisses, sublinhada por uma sugestiva música que logo nos trouxe à lembrança o marulhar das ondas, criou o ambiente próprio em que a tragédia deveria desenrolar-se. O coro, com a frescura das suas vozes jovens, prendeu a atenção do público, durante todo o espectáculo. David Raeburn, servindo-se apenas de um círculo de luz, encontrou uma boa solução para o aparecimento do «deus ex machina».

O Centro Universitário Teatral de Parma levou à cena o «Gorgulho» de Plauto. A representação que não pôde realizar-se no Teatro Romano, devido à chuva que caiu nessa noite, foi, decerto, prejudicada pelo facto de os actores terem de representar num palco acanhado, onde não podiam dar largas à sua vivacidade. Mesmo assim, e embora os actores não tivessem atingido um nível excelente de representação, o espectáculo agradou bastante. Com a sua euforia e animação histriónica, o grupo italiano fez com que Plauto revivesse no tablado, em toda a sua pujança.

Salientamos, sobretudo, a figura do «leño» a que o encenador deu uma rotundidade ridícula que foi de grande efeito.

Assim terminou mais um festival de teatro universitário que, pelo nível de alguns dos seus espectáculos, merece ser contado entre os acontecimentos culturais mais importantes de 1966.